

§

§ Fundo musical suave §

§

§

§

§

§

[ Batidas do coração ]  
§ Fundo musical suave §

§

§

[ Rindo ] Aí!  
Vamos lá? Bora!

§

[ Andrea ] Ah! Olha essa araucária, Vini!  
Olha o tanto que ela cresceu!  
Nossa! E as pitangueiras já começaram!  
Meu nome é Vinicius Pereira.  
Eu sou músico e permacultor.  
A permacultura é uma coisa nova na minha vida.  
Em 2014, quando a gente aqui em São Paulo teve a crise hídrica,  
começou a faltar água aqui em casa,  
eu fiquei preocupado e resolvi instalar uma cisterna.  
E aí eu fiz à minha maneira, sem saber como devia.  
Fiz uma captação bem tosca  
e montei um sistema de irrigação por gotejamento.  
Só que meu sistema entupiu na primeira chuva. Deu errado.  
Eu falei: "Vou fazer um curso e aprender a fazer direito".  
Aí fui no Google procurar um instalador de cisternas.  
Digitei "instalador de cisternas" e não aparecia nada.  
Eu falei: "Nossa! Olha só a oportunidade aí".  
Eu fui correr atrás, aprendi a captar chuva direito,  
a captar água e comecei a fazer instalações.  
Botei lá no site do "permacultores urbanos"...  
oferecendo serviços de instalação de cisternas.  
E aí trabalhamos, viu?! Passei dois anos trabalhando muito.  
Foram mais de cem cisternas instaladas.  
Como a minha formação é licenciatura em música,  
eu trabalho com educação faz muito tempo.  
Então eu pensei: "Vou dar curso de formação...  
pras pessoas aprenderem a captar água da chuva."  
Aí comecei a oferecer cursos.  
A gente instalou cisternas em mais de 30 escolas.

Aí comecei a mexer com isso e a me especializar em água.  
Aí comecei a correr atrás de saneamento ecológico...  
reuso... tratamento de águas cinzas...  
Resolvi ver dentro do universo da permacultura...  
como é uma coisa muito ampla,  
falei: "Eu vou olhar pra água e focar um pouco nisso,  
"porque acho que é onde eu vou me dar melhor...  
e onde posso ser mais útil."  
Ó, vou apresentar pra vocês...  
Essa aqui é uma das minicisternas da casa.  
Aqui a gente capta água da chuva...  
pega água que vem do telhado, que desce pela calha,  
filtramos, descartamos a primeira água,  
e aí eu guardo aqui essa água para fins não potáveis,  
pra rega, pra lavagem do quintal e pra lavar roupa.  
Esse foi um negócio que eu aprendi recentemente:  
reutilizar a água do enxágue...  
pra lavar uma nova máquina de roupas.  
Lavamos a roupa das meninas, a água da lavagem foi fora...  
e a água do enxágue... o que eu faço?  
Eu uso uma bombinha dessas de aquário.  
Eu estoquei a água do enxágue.  
A água da lavagem vai fora, a água do enxágue eu guardo...  
e pra lavar uma nova máquina de roupas...  
eu uso essa água do enxágue da máquina passada.  
Nessa aqui a gente economizou 80 litros d'água.  
Então, compensa "pacas".  
Em 2015 abriu um PDC, um curso de design em permacultura...  
na Casa da Cidade, oferecido pelo coletivo PermaSampa.  
E eu participei da primeira turma.  
E aí...  
aí eu entendi que...  
que eu podia agir... né?!  
Aí eu entendi que, com consciência,  
a gente consegue mudar os nossos hábitos,  
consegue mudar a nossa atitude...  
frente a essa cultura do consumo.  
Então comecei a me dedicar super à permacultura...  
e, no começo, eu estava trabalhando como permacultor.  
Até que eu entendi que, na verdade,  
e isso foi uma sacada recente,  
a gente não vive de permacultura,  
a gente vive a permacultura, a cultura da permanência.  
E aí, se você quiser trabalhar com isso,  
ter ofícios dentro dessa concepção, desse norte, legal,  
mas, na verdade,  
a permacultura não é um ofício,  
a permacultura é uma cultura, é um modo de vida...  
é uma concepção de mundo, de vida.  
E de lá pra cá comecei a me interessar muito...  
nessa história da regeneração socioambiental.  
O lado social é o que a gente trabalha com as pessoas...  
no dia a dia, nos cursos, nas oficinas,  
e o lado ambiental é essa nossa atuação...

tanto em casa,  
quanto aqui em São Paulo,  
nas nascentes da cidade.  
Foi na crise de 2014 que vocês começaram?  
[ Andrea ] Foi na crise de 2014!  
Crise humana, né?! Não, hídrica.  
Que com a água tá tudo bem, na verdade.  
Mas aqui começou em 2010.  
O geógrafo Luiz de Campos...  
e o arquiteto José Bueno...  
se conheceram.  
O Luiz de Campos tinha uma pesquisa extensa...  
sobre os rios ocultos da cidade de São Paulo.  
E aí, eles conversando, o Luiz falou pro Bueno:  
"Você sabia que se a gente andar 200 m  
"na cidade de São Paulo,  
a gente vai passar por um curso d'água?".  
Aí o José Bueno falou: "Ah, então vamos lá...  
vamos andar e ver o que a gente encontra."  
Aí eles saíram andando e encontraram o Iquiririm.  
Então foi assim que começou o "Rios e Ruas,"  
que é essa iniciativa...  
de percorrer os rios ocultos da cidade...  
Já percorreram com milhares de pessoas...  
e... revelar pra gente...  
essa incrível abundância de água que a gente tem aqui.  
Em 2014,  
foi o primeiro mutirão nas nascentes do Iquiririm.  
Foi um mutirão incrível... que a Abrace ajudou a organizar.  
Vieram mais de 40 pessoas,  
e a gente então começou a fazer esse correquinho,  
começou a limpar o lago...  
era um buraco cheio de lixo...  
a gente alugou uma caçamba, e saía sofá velho...  
saía moto, pneu, cachorro morto...  
saía de tudo dali de dentro.  
A gente limpou o dia inteiro...  
e já desenhou o correquinho e já começou a horta.  
E era um lamaçal, igual tá lá na Joia lá, né?  
Era um lamaçal igual à Joia.  
Quanto tempo demorou pra ficar verdinho?  
Ah, tem quatro anos, né? Foi em 2014, tem quatro anos.  
Então, aqui tá sempre tendo mutirão.  
A comunidade se envolveu, então, sempre tem mutirões  
e vários coletivos se juntam.  
"Novas Árvores Por Aí" veio e plantou Jussara!  
"Árvores Vivas" veio e plantou aquela incrível  
araucária lá da frente e outras frutíferas.  
Assim, e a comunidade tá sempre cuidando.  
Isso que faz a diferença, né?  
Lembra quando a gente tava fazendo  
o desassoreamento aqui do riozinho e tal?  
Foi o primeiro dia que eu pensei que a gente podia  
fazer igual lá na Joia, sabe?

Já faz mais de um ano isso, né?  
O processo é lento mesmo, né?  
Não é uma coisa que é da noite pro dia.  
É lei que o que faz a diferença é a persistência, né?  
Sim...!  
A Joia vai ficar uma joia que nem aqui.  
Vai! Vamos mostrar pra eles o laguinho!  
O laguinho, vamos!

Tem os pinheirinhos lá que dá pra levar pra Joia.  
Tá cheio!  
Ah, legal!  
A face d'água nós já temos.  
Tem.  
Veio lá da Praça da Nascente.  
Isso!  
Da sua casa, não tem mais nenhum que dá pra pegar?  
[ Andrea ] Eu trouxe a ninfeia Eu plantei!

Sabe aquela que dá aquela flor?  
Sim!  
Olha a ponte.

§

Ah, demais, hein!  
Ah, tá lindo, hein!  
Nossa...!  
Nossa, e ficou grande, né?  
Né? Até...

[ Andrea ] Tá lindo! Olha os peixinhos.  
Vou pegar umas mudinhas!  
Olha quantos peixinhos!  
De repente você pode levar peixinho depois também daqui.  
Que eles já tão adaptados, né?

Olha os peixinhos. Posso colher minha muda?  
Pode, hum hum!

§

Ai, gente, não fiquem magoadas.

Acho que tá bom.

§

Pular pro lado da Joia.

§

Valeu, tia Deia.  
Leva essa aqui também.  
Quem que é essa?  
É a cruz de malta.

Bora!  
Ela adora brejo!  
Essa fica na calha também?  
Sim.  
Não, essa se põe na margem. Na borda do lago.  
Você vai ver, ela vai entrar lá.  
Acho que elas aguentam, né, fora da água assim até lá?  
Aguenta, ô!  
Hoje o nível das represas está abaixo  
do nível das represas no mesmo período em 2014.

E não se fala sobre crise hídrica em São Paulo, né?  
O nosso problema, a gente não tem uma crise hídrica,  
a gente tem uma crise da gestão hídrica!  
A gestão dos recursos é que é o problema, né?  
A gente não tem... Estamos em cima de um dos maiores  
aquíferos, sabe, do planeta! O Guarani!  
Aqui especificamente na capital não, né,  
mas eu digo dentro da região Sudeste, sabe, gente!  
Nosso problema não é falta d'água. Veja o nível dos rios!  
O problema é que a gestão é péssima!  
O problema é que a gente não saneia nada, né?  
E assim, por conta dos interesses do capital!  
Não é por falta de técnica, conhecimento, porque é caro!  
É porque, assim, grandes favelas de São Paulo  
tão em terrenos que foram... ocupados, né?  
Então, terrenos que teoricamente têm "dono"!  
O problema da nossa crise hídrica  
está estritamente ligado com o problema da habitação.  
Então, enquanto esse problema não for encarado,  
enquanto alguém não entrar na gestão pública  
disposto a enfrentar esse problema,  
a gente vai continuar tendo as águas poluídas.  
O caminho certo pra se regenerar um rio  
é começar da onde a água nasce!  
Não adianta começar de baixo, né?  
Como tão fazendo aqui no rio Pinheiros, no rio Tietê.  
Desassoreiam o rio, ficam tirando tranqueira,  
mas não deixam de jogar, não deixam de poluir.  
Então, não adianta nada! É um serviço perdido,  
é um dinheiro jogado no lixo.  
E já entendemos que pra sanear de fato,  
cuidar das águas de fato, começa de onde ela nasce!  
E é o que vamos fazer hoje.

§

§

[ Vinicius ] Tia Dea, você viu que tem morangos silvestres aqui?  
Esses podem comer?

Você viu aqui que lindos?

É, vamo subir por aqui, ó?

Uuuh!

Desculpa, mas vou fazer uma parada  
só pra roubar um morango silvestre.  
Hum... vai um? Quer, tia Dea?

Coisa de motoqueiro, né? Vambora?

Hum, que delícia!

Parece amora, né?

§

Tatá!!!

[ Risos e suspiros ]

Você tá aqui!

Hoje, nós vamos conhecer um espaço que chama-se  
Praça Mario Perussi.

Seu Mario Perussi era um vizinho nosso aqui de baixo  
que cuidava muitodaquela área.

E, nessa área, antigamente, havia a Favela da Joia.

Por ser uma área de manancial, área de nascentes,  
era muito comum haver deslizamento.

Então, essa favela, foi construído  
conjuntos habitacionais na época de Erundina.

Construíram no KM 21 da Raposo,  
essas famílias foram pra lá  
e a área foi inteira aterrada.

Então fizeram um campo de futebol em cima da favela.

Hoje, a gente tem uma pracinha na frente,  
esse campo de futebol e, nos fundos, tem um talude.

Esse morro, que brota muita água dali.

E o que a gente vai fazer?

É cuidar dessas nascentes que tão ali,  
plantar o entorno delas e cavar uma primeira lagoa

pra gente poder devolver a vida pra aquele lugar.

Então, se a gente não mexer nessas nascentes

e deixar como estão,

aquilo ali vai virar um criadouro de mosquitos,  
porque não vai ter nenhum predador pros mosquitos.

Agora, a partir do momento que cavarmos uma lagoazinha,  
reintroduzir os sapos e os peixes,

ai, a gente passa a ter predadores pros mosquitos

e vamos tentar controlar ali... a própria natureza,

a própria biodiversidade vai controlar esse negócio.

E ai, a gente tem parceiros incríveis.

O pessoal do "Ocupe & Abrace" são parceiros do coração  
que vão ajudar muito nesse processo.

E, entre eles, há um biólogo, que, na Praça das Nascentes,  
ele levou mais de 100 espécies.

Tem peixes, crustáceos, tem... um monte,  
uma biodiversidade imensa, microscópica, né, pequena...  
que faz parte, que compõe esse...  
essa biodiversidade.

E a nossa ideia é contar com a ajuda deles  
pra conseguir fazer o mesmo aqui e servir de exemplo,  
e poder ajudar a outras pessoas  
que queriam fazero mesmo em outros lugares,  
que possam contar conosco,  
assim como contamos com o "Ocupe & Abrace",  
e que essa rede se expanda.

Hoje, o que a gente vai fazer vai ser isso:  
cuidar dessas nascentes e ter aí  
mais um exemplo, na cidade, de regeneração.

[ Andrea ] Ó, eu acho que a gente pode fazer três laguinhos.  
Começar um ali e ver o que a aguinha já tá fazendo, né?

Aí, daqui vem pra cá,  
a aguinha já tá vindo pra cá, e fazer um outro ali.  
Tipo ali onde já tá...

É...

A gente faz um correquinho que vai juntar ali naquela...  
drenagem ali da água da chuva.

[ Vinicius ] Perfeito! Vamos começar pela mais alta?

Vamos começar pela mais alta.

Vamos!

[ Vinicius ] Ô Dea, o que você quer que eu faça aqui?  
Eu cavo ele e eu mesmo acerto essa trilha do rio?

[ Andrea ] Ele vai juntar--

[ Vinicius ] Onde eu ponho a lama que eu tirar?  
Pode ser ali onde você tá pondo...

A gente vai juntando o correquinho  
do jeito que ele fizer.

Como é que é?

O correquinho, ó...

Qual é a direção?

A aguinha já tá mostrando a direção.

Só seguir a água.

Só seguir a água.

Nossa, é muita água, hein?

Aqui, então, é o primeiro laguinho, onde tem um olho.

[ Homem ] Olha aí, ó! Olha aí, ó!

§

[ Andrea ofegante ] Lá no Iquiriri, a gente ia cavando  
e achando sofá, moto,  
capacete...

[ Tatá ] Aqui eu achei até uma seringa com agulha.

Ó...

A gente poderia fazer uma arqueologia, assim,  
expor tudo que a gente tiver encontrando.

[ Tatá ] "Pra Onde Vai o Seu Lixo"!

§

§

§

[ Andrea ] Essas são boas pra gente, Tatá.

Conforme a gente for encontrando, ó...  
dá pra gente fazer as barragenzinhas.

[ Andrea ] O de saída, né?

Show!

A saída, né?

§

Eu já vou também juntar aqui pra fazer o correquinho.

[ Homem falando ao longe ]

Essa aqui pode ficar já.

[ Vinicius ] Um reflexo...

dessa crise política que a gente vive,  
a gente vê na forma de tratamento dos nossos rios.

Na forma de tratamento das nossas águas.

Assim, se os nossos rios tão cheios de merda,  
isso é um reflexo da nossa conjuntura política.

Nas nascentes da Joia...

uma obra que foi recentemente realizada pela prefeitura,  
ela separou as águas pluviais... e o esgoto.

O esgoto foi pra uma tubulação embaixo

e as águas pluviais por uma canaleta em cima.

Num determinado momento, as duas se encontram!

E na tampa do bueiro tá lá "Águas Pluviais",

com um monte de esgoto!

Assim, custou R\$12 milhões essa obra!

Então, quer dizer...

O nosso problema não é hídrico é de gestão!

É um problema político que a gente vive em São Paulo.

E a gente enquanto sociedade civil,

podemos tanto votar melhor, quanto nos apropriarmos

dos espaços públicos próximos a nós

e começarmos a fazer a nossa parte!

A gente não precisa fazer muita coisa, sabe?

A gente não precisa proteger todas as nascentes da cidade.

Se eu cuidar da nascente perto da minha casa,

eu e os meus vizinhos, né? Se a nossa comunidade aqui,

a gente cuidar da nossa nascente

e cada comunidade tiver um pequeno núcleo atento

e responsável pelas suas nascentes...

aos poucos a gente vai realizar a transformação

e, quando o poder público se der conta,

a maior parte do trabalho já vai ter feito!

§

[ Falatório ]

§

§

[ Falatório continua ]

§

§

[ Homem ] Mas vai escapar da onde, dali?

[ Falatório ao longe ]

§

E aí, Deia?

Então...

A gente tá plantando as bananeiras aqui...

A função delas é assim... elas vão chupar muita água!

São plantas que precisam, gostam de muita da água.

Elas já vão filtrar e dar uma secadinha no solo aqui do lado.

Pra gente não deixar o terreno também encharcado.

Então, o papel delas é proteger as nascentes, né?

Vamos plantar no entorno... pra proteger o acesso.

A gente não vai conseguir fazer tudo hoje,

mas a gente vai ter que plantar

em todo o entorno do riozinho, pra fazer a mata ciliar.

Que ela vai segurar...

que a terra vá parar no rio, né, que role o assoreamento.

Ela dá uma segurada no assoreamento

e as raízes também dão uma firmada no solo,

ajudando o cursinho do rio

a se manter firme, forte e sadio!

[ Ofegante ] Essas plantinhas aqui que tão nascendo sozinhas...

tudo a gente deixa! Elas são ótimas

pra fazer a bordado... correquinho,

e ela já vem protegendo.

A gente sempre encontra elas assim nas nascentes urbanas.

Então, elas são as nossas pioneiras... pra proteger.

[ Vinicius ] Eu tô muito animado e otimista

com esse cenário que a gente tem agora,

dessa crise política. Porque... pra mim ficou claro!

Assim, em 2014 isso foi um marco na minha vida!

Ficou muito claro como a crise é a melhor oportunidade

que a gente tem pra transformar uma realidade.

E como o cenário, que a gente tá, político

é uma coisa... indecente, eu não vejo oportunidade  
melhor do que essa que a gente tem agora...  
pra virar a chave da sociedade e começar a transformar!  
Então, é muito mais simples do que a gente pensa,  
não depende de ninguém, só da nossa boa vontade.  
E as experiênciassão sempre uma delícia!  
Ir, participar do mutirão e tal!  
É uma forma da gente, enquanto sociedade, se fortalecer, né?  
Fortalecer nossos vínculos, nossos laços.  
Trabalhar junto, depois comer junto!  
Depois comemorar! Isso é... divino!  
Mais pessoas deviam experimentar isso.

§

§

[ Vinicius ] Eu entendo que a transformação  
acontece de dentro pra fora. Eu não sou capaz de mudar você,  
sou capaz de mudar a mim mesmo!  
Eu vou olhar pra dentro de mim,  
ver o que preciso reorganizar, onde preciso mudar!  
E aí... eu ficando bem,  
eu vou servir de exemplo pra outras pessoas!  
Eu sozinho na minha família  
consigo transformar a realidade da minha casa.  
A partir do momento que tô ligado com os vizinhos,  
a gente começa a mexer na realidade do bairro!  
A partir do momento que tô ligado  
com os outros moradores da cidade,  
aí a gente começa a mexer numa estrutura muito maior.  
E assim a gente consegue mudar um país, mudar o mundo!  
Mas começa na transformação individual!  
Que é uma coisa que ninguém pode fazer por nós.  
É uma coisa que tem que partir da gente,  
essa iniciativa, esse fogo, parte de dentro da gente!  
Muitas vezes o que nos desperta  
são coisas de fora, né, que nos impactam  
e aí nos motivam a virar a chave!  
Mas só vira a chave... de dentro pra fora.

Eeeeh!

Ôôô!

§

[ Homem ] Aê, Andrea!

§

[ Homem ] Pedrinha ou pedrão?

§

[ Falatório ]

§

[ Falatório continua ]

§

[ Falatório continua ]

§

[ Falatório continua ]

§

§

§